
Experiência Visitada: Minas Sem Fome

CLIU – A experiência

“E as paredes do meu quarto vão assistir comigo
À versão nova de uma velha história
E quando o sol vier socar minha cara
Com certeza você já foi embora.” Cazuzza

A experiência CLIU não inicia quando se está de fato encarando a realidade da política pública in loco. E sim quando você se inscreve para concorrer a vaga do programa. Não foi tão simples, apesar de relativamente fácil. A abertura das vagas para pessoas de semestre iniciais ocorreu por não haverem candidatos suficientes; e logo após a seleção estava em segundo lugar. Supostamente isso não seria problema; pois teoricamente haviam duas vagas; porém uma dessas já estava destinada a um aluno que havia sido aprovado no CLIU ano passado. Então mais uma vez eu estava na espera. A expectativa foi recompensada com o resultado positivo. Nenhum dos dois alunos estava disponível para viajar, logo eu estava e precisávamos de outra pessoa. Que seria a outra representante de nossa universidade Priscila.

O fim do semestre é sempre uma época estressante, de fato os alunos tendem a dormir menos eu não fui exceção. Não tive tempo algum para recuperar tal sono; na verdade tive. No avião; que é uma parte tanto quanto estressante para mim. O pânico foi amenizado pela companhia dos colegas da academia; porém não pude deixar de reparar o qual estranhamente novo era debater assuntos de pesquisa com os orientadores entre as nuvens; assim como era mórbida a maneira que todos vestiam-se quando ia viajar. Como se fosse com sua melhor roupa e quando o piloto ligava o sinal de turbulência, tudo ficava num silêncio de espera infinita, como se esperassem o pior. Era só o aviso ser desligado que todos pareciam respirar novamente. A não ser a orientadora segurar minha mão nos balanços e aterrissagens nada parecia melhorar a viagem. Ela comentou sobre Vinicius de Moraes tomar uma garrafa de uísque a cada viagem aérea, aquilo ajudaria e muito acredito eu. Porém eu iria viajar muito e meu fígado teria de estar saudável e minha mente sã para encontrar minhas futuras parceiras de intercâmbio. Beatriz Kipnis e sua orientadora.

Estava bastante enjoado e cansado quando cheguei a Belo Horizonte. Ainda tivemos de fazer uma viagem de quase uma hora até chegar ao centro da cidade, dormir na viagem de tão exausto. Isso trouxe algum arrependimento não pelo sono, mas pelo o que ocorreu durante o sono. Minha carteira que estava no bolso traseiro, caiu dele durante a viagem. Isso foi percebido somente mais tarde quando já estávamos no hotel pagando a diária. Felizmente foi recuperada com rapidez pela empresa do ônibus. Faltava todas as cédulas que estavam nela, por sorte não eram muitas, fui cuidadoso em deixar o dinheiro no banco.

A noite, no frio de BH, saímos para jantar e conhecermos melhor. Toda turma do Clu Minas.

Até o momento só tínhamos suaves comentários sobre os outros, tudo foi bastante amigável. E nessa ocasião foi tirada uma fotografia memorável. Uma verdadeira lembrança feliz.

Tudo era muito surreal ainda. Eu estava em algum lugar mas não fazia muita ideia de onde. E isso era ótimo, pois aquilo ajudava me encarar a experiência sem preconceitos. Até o momento era somente eu e meus pensamentos, com quase nenhum conhecimento prévio. Estava de mente limpa para a experiência; porém não o corpo. O que impediu de manter-me acordado durante a reunião com os diretores da empresa no dia seguinte. Não sei se eu não estava atento o suficiente, ou se não fui avisado de fato da atividade. Mas no primeiro dia, e me vesti de maneira confortável. E isso foi péssimo, já que a foto daquele dia foi para o diário da empresa. E lá estou eu, com uma camisa para prática de esportes.

A falha no dress code seria corrigida no dia seguinte. E de alguma maneira serviu para ficar atento as ocasiões que me aguardavam; para isso eu não tinha sido completamente preparado.

Quando era preparado para viajar. Minhas leituras foram basicamente sobre pesquisa qualitativa, metodologia do trabalho científico, métodos de entrevista. Porém eu queria diferenciar-me, fugir do básico. Foi onde expandir minhas leituras para linguagem corporal e filosofia social. Com isso pretendia pegar pela raiz os ideais da ciência política que orientava as políticas públicas e desenvolver a empatia com o entrevistado de modo a deixá-lo mais à vontade.

Eu sabia que deveria ter estudado com mais afinco o ambiente. As cidades que estaria, o estado, o próprio programa. Mas isso seria muito óbvio. Partindo do princípio “sherlockiano” eu preferia não tomar conclusões precipitadas; queria chegar em campo limpo de preceitos, cru, com curiosidades a serem geradas e satisfeitas. Um verdadeiro estrangeiro.

Sabe qual o problema quando você nunca foi a um teatro e ninguém lhe explica o que é um teatro? Você confunde tudo. Pensa que as personagens são os atores, não entende o ludismo da história, as piadas ou o porquê dos aplausos; pior, você sequer sabe o porquê de estarem prestando atenção naquilo. E foi exatamente assim que me senti nos primeiros dias. Deram-me uma ajuda de custo e jogaram-me no meio de um estado com um artigo para escrever. Não importava exatamente o que eu estava pensando em fazer, ou a perspectiva. Todas as perspectivas foram descartadas, só há uma. Ao menos era isso que queriam que eu acreditasse.

É difícil vencer argumentos de pessoas que não estão dispostas a ter empatia. Uma vez pensei ter achado o propósito daquilo tudo, porém na mesma noite fui desiludido daquilo. Isso causou-me revolta, parecia trabalho desperdiçado por ego. Porém revoltar-me também era.

Então após muitos debates sobre como devíamos abordar os atores, e como encarar os fatos e o tanto quanto como transcrevê-los. Fomos deixados por nossa própria conta após sete dias. Os orientadores se foram, agora era eu e minha parceira. Estava crente que por mais que nossas ideias pudessem divergir, isso é natural, conseguiríamos chegara um consenso. Com a perspicácia dele ao anotar datas, nomes e detalhes técnicos das operações, e a minha de entrevistar fazer a pessoas sentir-se a vontade e fazer a pergunta certa para achar aquilo que talvez ela não gostaria de dizer de cara para uma dupla de estranhos; sem contar que tanto eu

como ela erámos escritores razoáveis, não faríamos somente um bom trabalho, como esse seria o melhor. Chegamos a perguntar um para o outro se haveria alguma premiação por bons trabalhos. Estávamos realmente motivados.

Parece ilógico mas o consenso é algo difícil com pessoas de defeitos e qualidades afins. No que divergíamos éramos orgulhosos demais para ceder, ou não confiávamos o suficiente. Minha parceira tinha todos os dados e ao final da pesquisa dia um diário completo sobre a pesquisa. Algo realmente surpreendente. Já eu, tinha algumas notas com questionamentos, umas fotos de recordação, e um pequeno mérito logo esquecido de deixar as pessoas a vontade para contar nos tudo de suas vidas, de suas vitórias as dificuldades que não orgulhavam-se de terem passado. O estilo de escrita dela não carecia dos fatos que eu poderia fornecer, não diretamente; mas o meu carecia dos dela. Logo que isso ficou evidente, foi necessário que eu levantasse meus próprios dados, já que ela ficava aborrecida de compartilhar os dela comigo. Afinal para ela parecia que todo o trabalho estava em suas mãos, já que eu aparentemente só sabia dar sorrisos, contar histórias engraçadas e fazer perguntas muitas vezes dignas de interrogatório.

Logo tornou-se difícil escrever o trabalho juntos. Em seguida repartimos aquilo que cada um deveria fazer, e não consultávamos mais um ao outro para revisão ou possíveis colocações interessantes. Não perdíamos mais tempo das nossas noites reunindo-se em volta dos PC's. Não era mais nosso trabalho, mas minha parte, sua parte e carpe diem companheiro.

Ao correr dos dias as histórias passavam a repetir-se, tudo passou a ser rotina e nossos ouvidos se aguçavam assim como os olhos brilhavam quando estávamos na presença de um ator com uma boa história. Eram os momentos que por vezes esquecíamos de não e falávamos de “nosso trabalho” era bom, mas logo tudo voltava ao suposto princípio que funcionaria: “ao procurar o seu bem pessoal, todos causarão o progresso” para parafrasear Adam Smith. Outra vez, lendo engano.

Eu já não perdia meu tempo a escrever. As últimas cidades que pesquisamos eram maiores e mais prósperas, conseqüentemente tinham mais distrações. Não era mais um mundo fechado da qual dependíamos um do outro para conversar até algo mais interessante. Ou falar de nossas experiências. Além que já tínhamos descoberto muito sobre nós mesmo na última instância. Nesse momento a convivência deixou de ser uma necessidade e passou a ser uma conveniência. Isso tudo é de fato algo importante para quem quer fazer pesquisa de campo longe de sua casa. A relação que tem com seus parceiros reflete na relação que você terá com os entrevistados e em consequência da que terá com você mesmo. Então, sozinho após um dia de trabalho, num clima que caso você esquecesse seu chapéu no meio do expediente você estaria com uma dor de cabeça considerável. O que você faz? De alguma maneira você busca compensação, um prazer, um refúgio. Isso pode ser desastroso variando com suas tendências. Com minha rotina de exercícios esquecida por falta de tempo até para pensar nisso, eu engordei, e com as cortêsias dos nossos entrevistados ao recebemos em duas casas, eu engordei, e o fim do dia sozinho no seu quarto de hotel no meio de uma cidade desconhecida com tarefas a fazer, críticas a se defender sem ouvir uma voz conhecida ou familiar para falar de outra coisa que não seja o seu trabalho, você engorda.

Minha parceira mais experiente nisso até avisou me. Mas como sempre preferi aprender por mim mesmo, e foi assim que eu saí dos meus 75kg e fui para 82kg. Cuidado futuros

intercambistas, cuidado. Lembre o que dizem sobre aquilo que não lhe mata.

A ordem natural das coisas segue apesar da mudança de contexto, o que era novo fica velho, e a descoberta vira rotina e pouca coisa lhe surpreende. Isso lhe abre horizontes para novas abordagens, eu no fim dos dias em Minas pouco pensava na produção do artigo em si, refletia mais sobre como aquilo estava me modificando do que como eu poderia modificar as coisas, como uma das orientadoras disse: “o trabalho do pesquisador como transformador é um trabalho de formiguinha”, isso causou-me uma revolta sem precedentes e ainda causa quando lembro; nós não eramos importantes, então porque nos enviaram? Era um joguinho teste para incentivar nossa cultura, era isso, uma partida de vídeo game usando pessoas reais para lhes dar experiência. O estado estava pagando para me incentivar a ter mais cultura, é isso, uma extensão da minha universidade pública e só, não querem nada de você, só que escreva um artigo para poucos lerem. O que você escreve não vai chegar a cúpula de nenhuma empresa ou para melhoria e formulação de política pública. Claro você contribuiu, como uma “formiguinha”, mas contribuiu, parabéns vá para casa e conte a todos. Seus pais ficarão orgulhoso. Isso me matava, apesar de ser verdade. A desilusão é um professor cruel, mas forma muitos alunos eficazes.

A volta para Belo Horizonte foi interessante já que encontramos com os outros participantes e com os primeiros técnicos da EMATER que nos reunimos. Eramos pessoas diferentes de 20 dias atrás e agora sabíamos de coisas que era surpresa até mesmo para eles. Desta vez não fazíamos mais tantas perguntas, nós fazíamos afirmações. Aprendi a importância da pesquisa e da gestão pública nesse processo, além da influência política que pode ser o herói ou o algoz de muitas histórias. A pesquisa ampliou meus horizontes de interesse e percepção.

Por fim a volta pra casa. Estava balançado, mudado, cheio de novos interesses e alguma sensação de dever cumprido. Tinha muitas histórias para contar, já que ouvi muitas e vivi algumas. Estava de espírito renovado, apesar de ter mesmo que em memória retornar a minas como faço agora, em lembrança, para terminar o trabalho.

Foram noites longas, perdi prazos como de costume, escrevi bobagens, defendi algumas delas as reformulando. Fiz o que fazia de melhor, argumentar e confiar no meu trabalho. Não era uma pilha de dados e estatísticas que deveria apresentar num artigo, para mim eram 21 dias da minha vida que não desperdicei, que nunca recuperaria e que não poderia ser em vão perdidos em palavras com sentido sentimental. Sim era uma pesquisa científica, mas ela abordava tanta coisa que não poderia ser retratada com números e suposições que merecia uma maneira de escrever diferenciada.

Por mais que tentei não sei exatamente se tive sucesso. Durante a apresentação na FGV achei desnecessário formular um discurso. Aquilo tinha sido parte da minha vida nos meses anteriores, eu tinha tantos dados acumulados em minha memória que só precisava ser questionado para dar meia dúzia de motivos e motivações para o ocorrido, eu não estava brincando ou trabalhando em uma pesquisa, estava vivendo. Isso parece ser mais uma vez contra a lógica do pesquisador de envolver-se, e de fato eu envolvi me, mas não de maneira que modifica-se os fatos. Isso era impossível na experiência em questão. Mas quis de fato entender como viviam aquelas pessoas e como o MSF as ajudou. Então fiz de tudo para ganhar sua confiança, elogiei seus cavalos, cavalguei neles, aceitei seus cafés, leites e queijos, provei a cachaça feita em seus quintais e até as comprei. Tudo isso torna impossível e mais útil para

mim seja como experiência pessoal ou como dados para um artigo, do que anotações em um diário. Por sinal, as anotações feitas por mim em meu resumido diário de viagem foram destruídas alguns meses antes da proposta de escrever novamente sobre a experiência.

Ao fim de tudo eu fiz alguns amigos, alguns conhecidos e debati com pessoas que discordam de minhas ideias por terem experiência muito diferentes das minhas. Tenho também um artigo que disseram ser de alto nível, não sei se é um elogio sincero mas gosto de acreditar, artigo esse que escrevi (e vivi) quase cada pedaço e agora após dois anos não me dei o trabalho de ler e fazer uma apreciação crítica. Talvez seja a hora, de fato ainda não sei se vou gostar do que fizemos e apresentamos, mas satisfeito que queria ver o resultado. Eu preferia não ter de respirar fundo carregadamente toda vez que lembrasse da experiência e ter mais amigos para manter contato disso tudo. Isso reflete uma das coisas que aprendi com os agricultores familiares de Minas Gerais, serenidade, contemplação, costumes humildes, assim como nobreza menos nas situações mais adversas como a sede e fome. Foram grandes lições de desconhecidos para outro.

A experiência dura o tanto quando deve durar. É muito tempo após a viagem, alguma mais após apresentar o trabalho. E você retorna a ela todas as vezes que é questionado. Cada vez mais com uma ideia mais sólida e concisa do que foi tudo aquilo. E ninguém poderá tirar isso de você. Além da importância que isso dar a sua vida. Esperei por algum tempo que oportunidade parecida aparecesse e ela não veio; e mesmo se viesse por mais consciente e experiente que eu seja agora, pensaria duas vezes, não mergulharia de cabeça, não correria tantos riscos, poderia ser um trabalho menos difícil para mim e meu possível parceiro, mas não seria tão sincero quanto esse foi.

Com o tempo tudo se resolve e o que ficou é o que é importante. Conversei e comi com pessoas que provavelmente nunca verei na vida, pouca delas são as que realmente tenho como fazer contato, e fico ansioso só de pensar na possibilidade de isso ocorrer novamente. O Ciu é algo bastante importante para os universitários, pode ser impressão, mas sempre achamos que poderíamos ter aprendido se esforçado ou aproveitado mais. Porém apesar dos pesares acredite que tive uma das experiências mais ricas da minha vida acadêmica, nesse programa.
